



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA- UNILAB  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO- PROGAD  
INSTITUTO DE HUMANIDADES-IH  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**MARIA KALLINY ALBANO DE ARAÚJO**

**O CORPO QUE HABITO: A REPRESENTAÇÃO DOS  
CORPOS FEMININOS NA FOTOGRAFIA.**

**REDENÇÃO-CEARÁ**

**JANEIRO/2022**

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira**

**MARIA KALLINY ALBANO DE ARAÚJO**

**O CORPO QUE HABITO: A REPRESENTAÇÃO DOS  
CORPOS FEMININOS NA FOTOGRAFIA.**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
APRESENTADO COMO REQUISITO  
PARCIAL À OBTENÇÃO DO GRAU  
BACHAREL EM HUMANIDADES PELA  
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO  
INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA.

Orientadora: Profa. Dra. Joceny de Deus Pinheiro.

**RENDEÇÃO-CEARÁ**

**JANEIRO/2022**

Dedico este trabalho à minha mãe, a minha avó e minhas irmãs, meus exemplos de força, amor e vida, em especial à minha avó por todo esforço e zelo por minha educação.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico de coração este projeto de pesquisa às mulheres da minha vida, que tanto me inspiram e fortalecem, agradeço-as por sempre estarem comigo. Especialmente a minha avó Maria de Fátima Albano de Araújo e minha mãe Madallyne Albano de Araújo. Agradeço a minha avó Fatinha por ter fortalecido a base da minha educação, por ter lutado para que eu estudasse, por ter me dado amor e atenção. Obrigada a minha mãe, Madallyne, por ser tudo na minha vida e na das minhas irmãs, por ser meu exemplo de força e coração, por sua bondade e direcionamento que sempre nortearam meus caminhos. Divido essa realização exclusivamente com minha mãe e avó, com todo meu ser, por elas viverem e sonharem junto comigo e me motivarem sempre a ser melhor e a me superar.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre me guiar e me reerguer em todas às vezes que pensei em desistir, por Seu amor fortalecer o meu ser desde que me entendo por gente. Por sua bondade e misericórdia ter me cercado em meio às dificuldades desse percurso.

Agradeço a minha família, por estarem comigo desde as mínimas coisas até as grandiosas, por serem verdadeiros parceiros na minha caminhada, por acreditarem em mim e nas minhas escolhas.

Agradeço todas as mulheres que aceitaram participar deste projeto junto comigo, trocando vivências e sabedorias. Todas vocês foram essenciais para a composição desse trabalho de conclusão de curso.

Agradeço a minha orientadora, Profa. Dra. Joceny de Deus Pinheiro, por não só aceitar entrar nessa jornada comigo, mas pela partilha de tanto conhecimento, por ser tão participativa, comunicativa e de fato viver esse projeto junto a mim.

Por último, o fator principal que me fez chegar até aqui e pensar em ir além: todos os meus professores. Desde os primeiros da educação fundamental aos presentes na educação superior, todos vocês foram essenciais para minha formação acadêmica. Cada um de vocês foi responsável por nutrir o meu amor a esta profissão e enxergá-la com responsabilidade.

## RESUMO

O presente projeto de pesquisa tem como objeto de estudo a representação do corpo feminino na fotografia, analisando como a sua construção histórica e o seu retrato impactam na forma através da qual a mulher é fotografada e como sua imagem é produzida de modo a fortalecer padrões de beleza socialmente aceitos. Meu trabalho problematiza estigmas e estereótipos aos quais os corpos femininos estão condicionados, assim como chama atenção para a pressão decorrente da imposição dos padrões de beleza e de comportamento às mulheres. Apresento reflexões sobre a construção histórica do corpo feminino, sua representação na fotografia e a sexualização do mesmo. Nesse caminho, disserto sobre a criação de uma nova categoria fotográfica, intitulada *fotografia do reconhecimento*, que retrata a imagem da mulher abarcando suas particularidades, suas realidades e seus corpos como eles são. Através de diferentes referenciais, desejo contribuir para a análise dos estudos da construção e representação do corpo feminino tanto no debate acadêmico como nas práticas em fotografia.

**Palavras chave:** Representação. Corpo feminino. Fotografia. Padrão de beleza.

## ABSTRACT

The present research project has as object of study the representation of the female body in photography, analyzing how its historical construction and its portrait impact the way in which women are photographed and how their image is produced in order to strengthen socially accepted standards of beauty. My work problematizes stigmas and stereotypes to which female bodies are conditioned, as well as draws attention to the pressure resulting from the imposition of standards of beauty and behavior on women. I present reflections on the historical construction of the female body, its representation in photography and its sexualization. In this way, I discuss the creation of a new photographic category, entitled *photography of recognition*, which portrays the image of women embracing their particularities, their realities and their bodies as they are. Through different references, I wish to contribute to the analysis of studies on the construction and representation of the female body, both in academic debate and in photography practices.

**Keywords:** Representation. Feminine body. Photography. Beauty standards.

## Sumário

1 INTRODUÇÃO .....	9
2 FOTOGRAFIA E GÊNERO .....	12
2.1 O CORPO FEMININO NA FOTOGRAFIA .....	15
2.2 A FOTOGRAFIA DO RECONHECIMENTO .....	20
3. O CORPO QUE HABITO .....	23
3.1 RELATOS DO PROJETO O CORPO QUE HABITO .....	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
5. REFERÊNCIAS.....	29

## 1. INTRODUÇÃO

A fotografia é arte, é uma forma potente de expressão, comunicação e informação. Seus usos são diversos. Numa época em que as aparências são supervalorizadas, a imagem é um cartão de visita para a percepção de alguém e seu espaço na sociedade, frequentemente resultando em representações idealizadas do ser fotografado. A fotografia tem múltiplas vertentes, é uma área em expansão. Como um projeto voltado para pensar a fotografia, tenho por objetivo tanto analisar como a imagem fotográfica se constrói no universo dos ensaios femininos quanto mostrar que é possível propor uma forma de representação a qual se aproxime mais da noção de auto-reconhecimento através da imagem.

Atuando como modelo e fotógrafa, tive a oportunidade de desenvolver um olhar mais crítico sobre o fazer fotográfico voltado para ensaios femininos, onde frequentemente encontra-se a busca pela criação de uma imagem de “perfeição” do corpo feminino. Essa busca ocorre com pouco ou nenhum questionamento acerca da necessidade de enquadrar os corpos fotografados em padrões os quais geralmente só se pode atender através da sucessiva manipulação da imagem. Considerando ser problemático remover por completo as particularidades do corpo de alguém, e até sua espontaneidade, em busca de um padrão tido como ideal, aqui desejo chamar atenção, justamente, para os processos excludentes existentes nas representações fotográficas do feminino e seus efeitos sobre a auto-estima da mulher.

Como parte dessa crítica, ponho em prática um projeto autoral, *O Corpo que Habito*, que surgiu de inquietações pessoais acerca da forma como eu era representada como mulher e, também, da forma como eu fotografava outras mulheres, muitas vezes querendo apagar características tidas como “defeitos”, tais como um rosto com espinhas ou as marcas que elas deixam, sobancelhas naturais, o chamado cabelo desgrenhado, ou simplesmente alguma evidência de gordura corporal. Toco nesses exemplos, específicos, pois há práticas comuns no meio fotográfico de comparar o antes e o depois da edição na fotografia, com “o depois” consistindo numa imagem onde sobancelha, cabelo, pele, e formas corporais são “ajeitadas”. Essas características, dentre outras, sempre são objeto de intervenção por meio dos softwares de edição. Essa manipulação da imagem tem consequências tanto para a forma como as mulheres fotografadas se veem como para a imagem da mulher de um modo geral. De certo modo,

naturalizamos tanto esse processo que nem sequer percebemos que as características acima citadas não são defeitos, mas algo inerente, e, portanto, normal, à nossa natureza.

*O Corpo que Habito* é um projeto fotográfico que tenta exatamente subverter essa situação, por meio da fotografia e troca de saberes com outras mulheres, expressando a importância de olharmos para nós mesmas como de fato somos, percebendo aquilo que dizem ser imperfeições e nos apoderando disso, pois faz parte da nossa realidade, do que somos como um todo. As fotografias realizadas no âmbito deste projeto são em sua maioria ensaios femininos, sem utilização de grandes produções, voltados para demonstrar representações do feminino que não impliquem um apagamento da “mulher real”: com suas marcas, sejam elas quais forem. Mulheres comuns, que têm traços humanos e não querem escondê-los. Dentro dessa lógica, endosso o que resolvi chamar de *fotografia do reconhecimento*, cujo foco consiste na produção de imagens nas quais as mulheres fotografadas podem de fato se reconhecer nas suas especificidades, abraçando as suas características, em detrimento de representações idealizadas que buscam seguir padrões hegemônicos.

## 2. FOTOGRAFIA E GÊNERO

O debate sobre gênero e papéis sociais é fundamental para o entendimento de como as representações do corpo, e especificamente do corpo feminino, são geradas. Sendo esse debate amplamente discutido há tempos, há contribuições importantes que aqui merecem ser mencionadas, como a ideia de que:

“[...] não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais.” (BUTLER, 2003, p.27)

Gênero, papéis sociais e representação feminina estão interligados. Tais elementos se relacionam por meio das ações dos sujeitos, motivadas por um discurso que delimita significados culturais assim como molda a formação e a representação do feminino e do masculino para que sejam socialmente aceitas de acordo com seus devidos papéis. Aqui cabe ressaltar que:

“[...] o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. [...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é

performativamente constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados. ”. (BUTLER, 2003, p. 48, grifo do autor)

O gênero é, portanto, tido como um movimento performático, por meio de atos que são continuamente repetidos e que dão aparência e características à representação feminina e masculina e a uma natureza heterossexual, homossexual, bissexual ou transexual. O gênero é fluido e mutável. Em meio a continuidades e descontinuidades nas representações discursivas ao longo do tempo, notam-se mudanças na percepção acerca das características atribuídas ao feminino e ao masculino. Nota-se, também, que o corpo está em ascensão. No entanto, por meio dele continuam a ser instauradas convenções, condutas de estilo e moda pouco inclusivas, ou mesmo aversas à heterogeneidade, pluralidade e diversidade existentes.

A preponderância de imagens de um corpo ideal assim persiste, com rostos submetidos a processos de “harmonização facial” e remoção de marcas de expressão e rugas, dentes que exibem a forma e a brancura desejadas (o sorriso ideal), peles desprovidas de cicatrizes e até mesmo de pelos, corpos magicamente sem estrias e celulites - tudo isso como resultado de intervenções físicas de fato ou simplesmente digitais.

Em outras palavras, apesar das mudanças, num mundo conectado por meio de inúmeras redes sociais digitais, com aplicativos que se tornam verdadeiramente centrais no dia-a-dia das pessoas, o sujeito contemporâneo parece cada vez mais dependente da própria imagem. De fato, “nunca se valorizou tanto a aparência e nunca se esteve tão prisioneiro de regras e padrões corporais” (MAGALHÃES, 2006, p. 77). Como é do conhecimento de todas as pessoas, o veículo através do qual a aparência se evidencia é a imagem fotográfica postada em redes sociais e na mídia de um modo geral. Numa era de estímulos contínuos, imersos num *fast-food* de notícias e postagens incessantes, observa-se como “nos corpos construídos, normatizados, padronizados, o culto à aparência contamina também o olhar, estimulado pelo excesso e proliferação de imagens, o que leva a uma cegueira coletiva “ (MAGALHÃES, 2006, p. 80).

Nesse contexto de uma era estilizada, dominada pelas imagens, e portanto pelas aparências, a representação feminina é, em parte, constituída por todas as características tradicionalmente associadas ao papel da mulher, despontando a figura da mulher vaidosa, que se policia a todo momento para estar sempre bonita e apresentável para algo ou alguém. Através dos recursos fotográficos em aplicativos de imagem e redes sociais, a mulher bela é branca, esbelta, com cabelos e peles que podem variar dentro de um pequeno leque de possibilidades tidas como ideais. Elege-se a mulher sensual para o olhar masculino e contida para si mesma como aquela digna de atenção e respeito pelo que exhibe.

O corpo feminino que prescinde da necessidade de se apresentar como desejável e/ou admirável para o olhar alheio torna-se assim um verdadeiro problema moral. É perceptível o lugar do corpo feminino como objeto de consumo e desejo, não somente para fins sexuais, mas também para identificação. Porém, conforme tenho enfatizado desde o início desse texto, essa imagem só pode ser alcançada ora por meio de intervenções cirúrgicas ora por meio de um uso radical das ferramentas disponíveis em softwares de edição de fotografia, o que inclui os filtros pré-configurados extensivamente utilizados em redes sociais como Instagram. Insisto em chamar atenção para o fato de que a reprodução dessa imagem gera, principalmente nas mulheres, uma cobrança exacerbada sobre os seus próprios corpos e a necessidade de encaixá-los no padrão. É importante analisar essas representações a fim de entender em que medida a fotografia, através dos ensaios femininos, de fato abre espaço para que as mulheres fotografadas possam escolher o que querem ser, como querem agir, ou como querem parecer.

## **2.1 O CORPO FEMININO NA FOTOGRAFIA**

É um fato que as questões de gênero e os papéis sociais atribuídos a ele influenciam na forma como o corpo da mulher é visto, pensado e representado, pois são criados códigos e normas que recaem sobre o mesmo, determinando como a mulher deve ser, parecer e agir socialmente para ser aceita. Logo, o debate sobre gênero é de extrema importância para o estudo da representação do corpo feminino na fotografia, especialmente se o tema é tratado de forma a abarcar a multiplicidade de intersecções culturais, sociais e políticas aí existentes.

Para Butler:

“O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. (BUTLER, 2003, p. 59)

Nesse contexto, pode-se entender que a “estrutura reguladora” é a representação sociocultural do que é destinado ao imaginário feminino e masculino. Através dos papéis sociais se fortificam identidades e se delineiam os lugares e a atuação de mulheres e homens no contexto social e cultural no qual estão inseridos. É certo que esses papéis sociais variam de cultura para cultura, mas no geral eles impõem sobre os sujeitos as normas que devem seguir para serem socialmente

aceitos (o papel social comumente estando em consonância com o sexo da pessoa). No que se refere a isso, em muitas sociedades, incluindo aqui a brasileira, existe uma clara distinção entre o papel da mulher e do homem.

Grosso modo, no imaginário brasileiro ainda pesa a noção da mulher como mãe, do lar, doméstica e subserviente ao esposo, enquanto o homem está para a imagem do poder, da força, do provedor do lar, isto é, aquele que consegue alcançar maiores espaços e privilégios. Nessa linha de pensamento, a imagem da mulher é ligada à fragilidade e a passividade, enquanto a do homem é articulada às noções de poder e liberdade. Sobre todas essas características, vigora a regra de que, a despeito de qualquer atribuição, inclusive a maternidade, a mulher “deve se cuidar”, cuidar da sua aparência sempre, para que não pareça “desleixada”, descuidada de si mesmo, e desinteressada em mobilizar o desejo alheio. O envelhecimento desse corpo feminino dificilmente transcorre sem angústia e constrangimento, porque a velhice, como um processo natural, para o corpo feminino, numa sociedade como a nossa, é quase que interdita. Nos programas televisivos, na mídia, na publicidade e propaganda digital ou impressa, os corpos que se exibem são de mulheres jovens - porque dentro do pacote do “corpo ideal”, ou “perfeito”, está o requisito de que a pessoa fotografada seja jovem.

Novamente sublinho que um dos principais dispositivos através dos quais as noções e imagens acima mencionadas são reificadas é a fotografia. Precisamente como afirma Magalhães:

“O modelo construído do corpo perfeito utiliza, entre outros meios, a fotografia. A imagem fotográfica, que mostra lindos corpos retocados, contamina o olhar, o imaginário fica repleto por essa imagem externa imposta e na busca de concretizá-la torna-se escravo dela” (MAGALHÃES, 2006, p. 81)

Essa representação feminina por meio da fotografia que aqui problematizo, estampada em campanhas publicitárias, e que viralizam nas redes virtuais, é pouco representativa e muito excludente, invisibilizando a pluralidade de corpos femininos, e chegando mesmo ao ponto de negar esses corpos, rejeitando por completo a sua existência.

Para Freyre (2006):

“A verdade é que a especialização de tipo físico e moral da mulher, em criatura franzina, neurótica, sensual, religiosa, romântica, ou então, gorda, prática e caseira, nas sociedades patriarcais e escravocráticas, resulta, em grande parte dos fatores econômicos, ou antes, sociais e culturais, que a comprimem, amolecem, alargam-lhe as ancas, estreitam-lhe a cintura, acentuam-lhe o arredondado das formas, para melhor ajustamento de sua figura aos interesses do sexo dominante e da sociedade organizada sobre o domínio exclusivo de uma classe, uma raça e de um sexo”.

Nos ensaios femininos, as mulheres gordas, por exemplo, são representadas com cautela e pudor, sempre inserido limites do que pode ou não ser mostrado de seu corpo, utilizando roupas mais compridas, que mostrem menos o seu corpo, em todas as vezes tendo suas características tidas como “indesejáveis” neutralizadas. Aqui cabe uma comparação de análise sobre as formas de representações entre corpos padrões versus corpos que não atentem aos padrões. A sexualidade da mulher padronizada/idealizada é mais aflorada e perceptível, tendo sua imagem utilizada para passar ousadia, sensualidade, que encenem uma liberdade do corpo que pode e deve ser mostrado, lançando essa sensualidade por meio das poses, gestos, olhares e adornos de seu corpo.

Em suma, dificilmente a imagem da mulher que é amplamente disseminada traz consigo as diversidades, características, condições e realidades das mulheres de um modo geral numa sociedade como a brasileira. O corpo da mulher vai além dessas representações rasas ligadas às aparências, pois ele carrega consigo práticas e significados particulares que não devem ser restritos às normas sociais. São inúmeras as consequências negativas do uso do corpo feminino para a representação de uma mulher idealizada, pois isso gera não somente a corrida para alcançar um corpo perfeito a todo custo, mas principalmente uma insegurança e vergonha permanentes de seus próprios corpos.

“Se você aceitasse que a perfeição é inatingível, de que insegurança você abriria mão?” (Rupi Kaur, 2020)

O corpo feminino é constantemente sexualizado, e essa sexualidade exposta não é necessariamente inerente à mulher, mas, na verdade, baseada no que o homem deseja da mulher, no que quer ser apreciado. É um corpo feminino voltado para o consumo. Não somente voltado para instigar o desejo em outras mulheres de alcançar “o corpo perfeito”, mas sobretudo para atrair a atenção masculina, que é utilizada para medir o sucesso da mulher em ser vista e tida como bela e desejável. Corroborando essa afirmação, acho importante trazer o pensamento de John Berger (1972) quando este, analisando a representação do feminino na história da arte, fotografia, publicidade e propaganda, na sua obra “Modos de Ver”, diz que:

“Homens sonham com mulheres, mulheres sonham consigo mesmas sendo sonhadas. Homens olham para mulheres, mulheres olham para si mesmas sendo olhadas. As mulheres geralmente se deparam com olhares, os quais agem como espelhos, lembrando-as de como elas aparentam, ou como deveriam aparentar, por trás de cada olhar há um julgamento. As vezes os olhares que elas encontram são seus próprios, refletindo de volta para sua proprietária. Uma mulher está sempre acompanhada, com exceção de quando está muito sozinha. Talvez nesse caso, com sua própria imagem e

solitária, quando está atravessando um aposento, ou chorando a morte de seu pai, ela não pode evitar se confrontar andando ou chorando. Desde a infância, ela é ensinada e persuadida a se vigiar continuamente, ela tem que vigiar tudo que é e tudo que tem, porque como ela aparece para os outros e particularmente como ela aparece para os homens é de uma importância crucial para o que geralmente é considerado como sucesso na vida”. (BERGER, 1972)

A representação da mulher tal qual descrita por John Berger (1972) é, antes de tudo, uma paisagem a ser observada. Os ensaios fotográficos femininos, e especialmente os ensaios do nu feminino, são um exemplo concreto dessa imagem cujas convenções têm origem na perspectiva da observação masculina sobre uma pintura ou fotografia do corpo femininos em séculos passados. Sendo os corpos retratados não da forma como as mulheres se vêem, mas como querem que os homens as vejam.

Através de um processo histórico, o olhar masculino é determinante para a forma como a própria mulher se enxerga, pois, se esse corpo é em teoria criado para agradar o mesmo, sutilmente ou não, a própria mulher reproduz em sua representação atributos que não dizem respeito a como elas querem ser vistas, mas como os homens querem vê-las. Isso pode bem ser observado no nicho de fotografias sensuais, com ensaios femininos de mulheres seminuas ou nuas, com poses e expressões que remetem ao desejo sexual, ao erotismo. O que questiono nessa prática fotográfica não é a exaltação da sensualidade, mas sim a sensualidade pautada para o desejo masculino, o que acaba por objetificar a mulher fotografada, numa ampla cadeia de efeitos tanto para quem é fotografada quanto para quem se espelha nessas imagens quanto para quem simplesmente consome essa representação.

## **2.2 FOTOGRAFIA DO RECONHECIMENTO**

A fotografia é presente na minha vida desde 2012. Por experiências próprias, percebi o quanto as mulheres muitas vezes são tratadas como objetos a serem manuseados em prol de resultados que gerem sucesso. No breve tempo em que atuei como modelo, pude entender o quanto o meu corpo, minhas características, estavam sendo moldadas para caber em um padrão ao qual eu não pertencia. Desde a adolescência sempre tive muitos problemas em relação a minha pele, meu corpo e meu peso: por ter muitas espinhas, marcas de espinhas; por não ser magra o bastante; por ter estrias e celulites que muito me incomodavam. Em certo momento da vida, exposta à imagem idealizada de corpos esculturais, peles sem marcas, corpos tidos como belos e por consequência merecedores de atenção e amor, coloquei na minha mente que eu deveria

mudar meu corpo, minha pele, tudo que era então categorizado como “defeito” ou traço indesejável da minha aparência. Por consequência, entrei numa busca por emagrecimento, ignorando as particularidades da minha própria estrutura física e negligenciando minha saúde para chegar no “peso ideal”. Nesse processo, minha pele estava constantemente coberta por maquiagem, a fim de minimizar espinhas e cicatrizes. Por me envergonhar de quem eu realmente era, eu acabava por me tornar refém de intervenções cosméticas e estéticas constantes.

Esse relato pessoal fundamenta o meu posterior interesse por um tipo de fotografia que passei a denominar de *fotografia do reconhecimento*, de auto-(re)conhecimento, definida como um tipo de imagem através da qual a pessoa fotografada é capaz de identificar suas marcas, seus sinais, suas características, sua unicidade, num processo de auto-conhecimento bem como de reconhecimento de si, na medida em que implica aceitação e, melhor seria dizer, apreciação da própria aparência, do seu corpo, da sua expressão, da sua autenticidade. Durante os anos vivenciando o cenário da fotografia, seja trocando experiências com outros profissionais da fotografia seja atuando como modelo em alguns ensaios externos femininos, percebi que em quase todos eles havia o padrão de exibição de uma pele extremamente maquiada, do uso de calcinha cinta para reduzir a barriga, da solicitação para que se prendesse a respiração durante longas sequências de poses, forçando uma postura ereta e assim reproduzindo ações presentes em quase todos os ensaios femininos. Soma-se a isso todo o processo posterior de tratamento da imagem na ilha de edição fotográfica. Nesse trajeto, ao receber os resultados das fotos, não conseguia me enxergar naquela representação. Em outras palavras, eu não conseguia me reconhecer como pessoa retratada naquela imagem.

Como já mencionado várias vezes nas páginas anteriores, uma questão predominante na fotografia, tomando como foco os ensaios femininos, é a manipulação da imagem por meio dos softwares de edição. Obviamente, a edição de imagem é algo muito importante para o processo fotográfico no geral - são amplas as possibilidades de criação, considerando mexer com cores, luzes, texturas, tamanhos, indo além no exercício criativo. E por seu largo uso e imensas possibilidades em mudar a imagem captada, a edição pode ser usada de maneira que considero exagerada ao alterar a realidade dos corpos femininos, especialmente a partir do advento da fotografia digital e sua publicização em redes sociais.

É, portanto, nesse percurso de estranhamento em relação à superprodução de ensaios femininos e a manipulação radical da imagem por meio da edição que eu elaborei e me aproximei do conceito da *fotografia do reconhecimento*, pensando esta como uma proposta de ruptura da

distorção que se cria em torno da imagem e da própria auto-imagem da mulher. A *fotografia do reconhecimento* surge para questionar qual o sentido de representar pessoas de uma forma que nem elas mesmas se reconheçam? A *fotografia do reconhecimento* se insurge contra uma imagem de si que ao invés de causar bem-estar, aceitação e auto-apreciação gera desconforto e insegurança em si mesma, reforçando o desejo de ser o que na realidade só existe na imagem fotográfica submetida à incessante manipulação.

Um ensaio do qual fiz parte no ano de 2020, na condição de pessoa fotografada, foi determinante para me fazer refletir sobre os efeitos da manipulação da imagem na minha auto-estima. Quando recebi as fotos fiquei lisonjeada. Olhava para as fotos surpresa por pensar o quanto estava com o corpo acinturado, com curvas mais delineadas e sem marcas espalhadas pelo corpo, sem celulites e sem a famosa e comum papada no rosto. De início, essas fotografias me enganaram e me fizeram pensar que meu corpo real era realmente aquele, mas olhando para mim mesma percebi que de fato não era aquela a realidade. Eu queria me convencer de que aquela era a minha aparência, que era de fato tudo real, mas toda vez que me via no espelho e que observava meu corpo percebia que os resultados das fotos não eram somente por pose e maquiagem. Minha imagem tinha sido manipulada, editada de forma que parecia sutil à primeira vista, mas vendo o antes e o depois do processo de edição percebi as diferenças - minha papada foi reduzida, meu cabelo ganhou forma e ondulações, meu braço foi diminuído, a cintura delineada, a bunda aumentada e as celulites apagadas.

A foto original:



A foto editada:



Ver os resultados dessas fotos em antes e depois de serem editadas me deu um estalo para perceber o quanto isso é problemático para nós mulheres. Ter nossos corpos representados imagetivamente de modo a reforçar estereótipos e a rejeição a características pessoais que são, nessa dinâmica, rotuladas como “defeitos” acaba por gerar um sentimento nocivo de auto-negação. Percebi também que, enquanto fotógrafa, eu reproduzia tudo aquilo que fizeram com a minha imagem quando eu era a modelo, inconscientemente, talvez de tão acostumada a ter que me sujeitar, obedecer e atender a um padrão na fotografia.

Na contramão dessa prática, o conceito que criei, de *fotografia do reconhecimento*, foi refinado através do meu projeto *O Corpo que Habito*, cujo objetivo é fotografar mulheres de forma ao mesmo tempo poética e política, primando pelo processo fotográfico tanto quanto pelo resultado, numa dinâmica em que – juntas – mulher fotógrafa e mulher fotografada podem negociar e escolher como o ensaio deve ser conduzido, sempre problematizando padrões de beleza, pensando sobre o que deve ou não ser exposto, questionando receios, incômodos e inseguranças resultantes muitas vezes de um modelo hegemônico de imagem do ser feminino, e sobretudo evitando a manipulação excessiva da imagem.

Lembrando que não é intenção desse projeto recriminar a produção (adereços, maquiagem, luz artificial e outros elementos tão comumente utilizados) nos ensaios, nem o tratamento da imagem, muito menos julgar mulheres que gostam de ser representadas “como manda o figurino”, ou profissionais da fotografia que reproduzam o modelo fotográfico de ensaio feminino predominante no mundo contemporâneo, mas sim analisar, debater e propor outras possibilidades de representação nas quais seja possível fomentar uma prática de identificação, inclusão e reconhecimento por parte da pessoa fotografada em relação à si mesma: ao rosto que possui, ao corpo que possui, com as marcas, a idade, o peso, o pelo, enfim, as características e especificidades que lhe são únicas.

### **3. O CORPO QUE HABITO**

*O Corpo que Habito* nasceu como projeto autoral e experimental em fevereiro de 2019, durante a componente curricular Oficina de Metodologia II, do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da UNILAB. O primeiro conjunto de imagens compôs um ensaio fotográfico, o

qual foi apresentado perante a turma de cerca de 45 estudantes, e submetido como forma de avaliação para a componente curricular. Após apreciação da professora Joceny Pinheiro e dos colegas, dei-me conta de que deveria levar o projeto adiante, retornando a este em 2021, já com o objetivo de realizar a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Como já anunciado anteriormente, meu projeto deseja retratar corpos femininos a partir de uma negociação que leva em conta o quão confortável consigo e com o ato de ser fotografada, diante das minhas lentes, cada mulher participante desse projeto se mostra, e o quanto essa mulher se reconhece no que resulta desse processo, isto é, nas imagens. *O Corpo que Habito*, assentado sobre a *fotografia do reconhecimento*, quer captar e apreciar a autenticidade e a diferença de cada mulher fotografada, ressaltando características que muitas vezes podem incomodar o olhar alheio por simplesmente não ser comum mostrar o que a maioria tenta esconder. *O Corpo que Habito* se pauta sobretudo em vivências compartilhadas, através de conversas, reflexões, antes, durante e após o ato fotográfico. Somente assim, por meio desse método, sinto que foi possível chegar a um resultado que evidenciasse, além do meu olhar e da minha perspectiva, enquanto fotógrafa, a natureza de cada uma dessas mulheres, num misto de afirmação poética e política.

Apesar do meu desejo de que as imagens fossem realizadas sem a necessidade de grande produção e de que não fossem submetidas à manipulação excessiva, o que, portanto, tornou-se uma espécie de condição, *O Corpo que Habito* estabelece como regra não ditar regras rígidas sobre como as mulheres devem ou não aparentar, agir ou posar nas fotos. Sendo assim, o projeto imerge numa negociação delicada entre fotógrafa e fotografada acerca de noções e experiências de identificação, aceitação, reconhecimento, especificidade, espontaneidade e natureza, consistindo num desafio rico para ambas as partes. É nítido que a forma como uma mulher se vê ou como ela quer ser vista tem influência de diversos códigos visuais que lançam repetidamente tendências, jeitos de ser e como uma mulher deve parecer para ser considerada “bonita”. Sem esquecer disso, partilhamos juntas de um processo de desconstrução que é fluído, em que é possível refletir sobre nossos corpos, trazer um olhar mais íntimo sobre nós mesmas, que caminhe para o reconhecimento. Nesse sentido, ousou dizer que a relevância desse projeto consiste em experimentar com uma fotografia que seja capaz de gerar acolhimento e aceitação através da sua feitura. Como parte dessa proposta, as participantes do projeto são convidadas a relatar como foi a experiência em relação ao processo e ao resultado.

No total, onze mulheres participaram do projeto, incluindo a mim. Embora residentes das cidades de Pacatuba e Fortaleza, todos os ensaios foram feitos no município de Pacatuba, mais

especificamente na Serra de Aratanha, em áreas onde existem trilhas, cachoeiras e piscinas naturais localizadas nas extremidades dos municípios de Guaiúba e Pacatuba e num sítio próximo ao pé da serra. Escolhi ambientes de exuberância natural por acreditar que estes nos permitiriam uma maior espontaneidade nas reflexões, partilhas e no processo de fotografar propriamente dito, além do efeito cênico que tais ambientes têm na composição fotográfica. Tais paisagens contribuem, também, para a dimensão criativa e poética que desejo evidenciar nas imagens e, sobretudo, para a centralidade do corpo único da mulher fotografada.

Para o acontecimento desse projeto e tendo em vista a situação atual diante da pandemia de Covid-19, consegui alcançar essas pessoas por meio da criação de um grupo na rede social Instagram, onde reuni as mulheres que tinham interesse em participar do projeto. Para fazer o intuito do projeto ser entendido antes de partimos para ação, busquei explicar a cada uma delas minhas ideias, dando espaço para interações e opiniões, para entender o pensamento e o limite de cada participante. Foi um passo importante para o projeto, visto que havia graus de intimidade distintos e que para a fotografia é muito importante que a pessoa se sinta confortável e segura. Esse aspecto assegura ou compromete por inteiro o rumo do projeto. É preciso saber ouvir e entender como a pessoa quer ser fotografada, o que torna a relação entre a pesquisadora-fotógrafa e a participante-fotografada central na realização do projeto. O processo em si foi muito espontâneo, de estimular a conexão consigo mesmas e com a natureza e expressar isso por meio das fotografias.

As roupas usadas e a produção, que no geral foi pouca, foram completa e exclusivamente escolhidas pelas participantes do projeto. As captações das imagens foram feitas através de uma câmera do modelo Canon Eos Rebel t5i, lentes objetivas Canon de modelo EF 50mm f/1.8 STM e EF-S 18-55mm f/3.5-5.6 IS STM. Todas as fotos foram feitas em formato Raw e tratadas através do programa Adobe Lightroom cc. O processo de edição se restringiu a um simples tratamento de imagem para efeitos de saturação da cor, nitidez e ajuste de luz, de modo que nenhuma das características das mulheres retratadas fossem alteradas. A edição foi utilizada para ressaltar nuances da natureza, suas cores e texturas, escolhendo tons de verde e marrom que não fugissem da realidade do local e vez ou outra optando por imagem em preto e branco. O processo de captação de imagens e de tratamento não apresentou grandes dificuldades. Foi muito interessante notar o quanto essas mulheres são expressivas e bonitas, assim como foi importante a confiança que elas me deram ao aceitarem ser fotografadas, trocando ideias sobre o projeto e contribuindo para esse texto com os seus relatos acerca da experiência.

As principais dificuldades enfrentadas durante a realização do projeto estão relacionadas ao contexto pandêmico da Covid-19, assim como aos custos envolvidos na pesquisa – com passagens de ônibus, combustível, e entrada no local dos ensaios, além do conserto de problemas técnicos com a câmera e as lentes, cujo reparo exigiu um alto investimento financeiro da minha parte. Algumas das dez mulheres são da minha família, pois se tratando de pessoas que já conviviam no dia-a-dia isso reduziria os riscos de contágio de Covid. Ter que restringir a quantidade de participantes foi algo que me frustrou um pouco, pois eu havia tido contato virtual com todas e sentia que cada uma delas teria importância para a composição do projeto. Dito isso, *O Corpo que Habito* na sua totalidade foi uma experiência que transformou a minha vida mesmo em meio às incertezas da pandemia. Resignificou a fotografia para mim e para as outras participantes, pensando a fotografia como forma de representatividade, reconhecimento e empoderamento.

### **3.1 RELATOS DO PROJETO O CORPO QUE HABITO**

**Gisele Santos, 24 anos, indígena, futebolista e graduanda em Bacharelado em Humanidades. 02 de fevereiro de 2020, Pacatuba-ce**

“Ser fotografada para mim foi uma coisa nova, mostrar o meu corpo e principalmente tirar fotos sem esconder algumas características. Foi uma experiência maravilhosa, me senti bem e à vontade com meu próprio corpo. No início me senti um pouco estranha de ser fotografada sem maquiagem, que é algo que tenho costume de usar, mas desafiei a mim mesma e deixei acontecer e quando me dei conta já estava resultando em várias fotos e no fim do ensaio fiquei surpresa comigo mesma por me sentir tão perfeita ao natural quanto quando estou de maquiagem. Realmente não existe coisa melhor do que se sentir bem consigo mesma, exercitando a prática de não se importar com a opinião de ninguém sobre meu corpo e minha aparência”.

**Kamilyly Araújo, 15 anos, estudante e maquiadora. 13 de julho de 2021, Pacatuba-ce**

“Sempre tive uma relação muito forte com a maquiagem, em usar ela como forma de expressão e também como via de melhorar o aspecto da minha pele, esconder algumas “imperfeições”, minhas fotos na internet são todas com maquiagem e edição e nunca tinha experimentado

fotografar mostrando mais minha pele. Foi muito interessante a experiência de me ver de forma mais real, me fez perceber o quanto eu sou nova para me importar com essas coisas, que são coisas normais do meu corpo e pele e não um defeito”.

**Bruna Silva, 20 anos, jovem aprendiz e graduanda em Letras. 18 de julho de 2021, Cetrete, Pacatuba-ce**

“O ensaio foi maravilhoso, mesmo para mim que já tenho um pouco de intimidade com as câmeras, eu sinto que consegui me libertar um pouco mais e aproveitar aquele momento. Tenho algumas inseguranças com relação ao meu corpo, por recentemente no período da pandemia ter ganhando peso, sempre havia tido o corpo magro e de repente estava mais encorpada, diferente e tudo isso tinha me feito mudar a forma como via, me vestia, cheguei por muitas vezes a me reprimir e ficar insegura com a minha própria aparência. Mas foi incrível como, apesar disso, consegui me sentir confortável, foi tudo bem espontâneo, as ideias e poses foram fluindo, poder sentir a conexão com a natureza e transformar tudo isso em arte foi muito incrível e importante para mim”.

**Regina Albano, 51 anos, professora e coordenadora. 22 de julho de 2021, Serra da Aratã, Pacatuba-ce**

“Tudo que eu sou hoje é resultado de muita luta, sinto que nunca me encaixei bem no que dizem sobre como uma mulher deve ser e agir. Desde jovem me dediquei ao meu trabalho, às minhas viagens, me divertir e viver intensamente conforme eu queria. Não casei, não tive filhos e mesmo que para mim isso tenha tido importância, as pessoas sempre tomaram isso de motivo para me questionar e julgar. Esse projeto teve um peso enorme para ressignificar que me alegro com quem eu sou. Essas fotos me fizeram reviver memórias boas do tempo que eu fotografava tudo que via pela frente. Também fez com que eu me percebesse de outra forma, visse meu rosto, corpo, marcas, meus fios de cabelo branco e linhas de expressão, não como um defeito, mas como símbolo da vida incrível que sempre tive e sigo tendo”.

**Sol Alves, Transvestigênera, 24 anos, Multiartista, Pesquisadora e Graduanda em Antropologia. 03 de agosto de 2021, Cetrete, Pacatuba-ce**

A fotografia para mim é atitude, uma experimentação da minha corpa, é onde encontro um lugar possível para mim, é onde me construo, me investigo, me recrio assim, como diz Roy Wagner, antropólogo cultural, “o pesquisador é obrigado a incluir a si mesmo e seu próprio modo de vida em seu objeto de estudo, e investigar a si mesmo.” O ensaio fotográfico foi tão incrível, pois esse projeto traz a foto como reinvidicação política de um corpo real que vai de contra a fabricação de corpos padronizados e irreais. O nosso ensaio foi numa cachoeira conhecida por paraíso, localizado na cidade de Guaiúba, município onde cresci.

Em 2020/2021, tive que me reinventar de todas as formas, pois estamos vivenciando umas das piores crises sanitárias de todos os tempos: a pandemia de Covid-19, juntamente com uma forte crise civilizatória, social e política. Os elementos naturais sempre foram meu refúgio para sobreviver a tudo isso. Assim como diz Edson Silva, em sua canção árvore: “E ando sobre a terra e vivo sob o sol e as minhas raízes eu balanço”. Meu corpo é também um elemento natural: sol, terra e água. Gosto de imaginar que sou a água que desce da cachoeira e assim vou com intensidade a novos lugares com as benções de mamãe Oxum. Eu desejo que todas as corpas trans/travestis recriem novas estratégias de sobrevivências nessa atual conjuntura, mas lembrando que sempre fomos o alvo de um CISTema violento. Somos a resposta para um mundo adoecido e limitado. Portanto, o nosso ensaio fotográfico conteve o que poderia ser uma performance da minha corpa/memória/alma ou como gosto de dizer uma territorialidade de si.

O meu sentimento era de resiliência compartilhado e registrado por Kalliny Albano que tem um olhar extremamente sensível ao lado de Rafaela Aires, amiga que compartilhei momentos bons e difíceis especificamente durante a pandemia de Covid-19 entre percas, dores e afetos. O ensaio fotográfico representa para mim um sentimento de afeto, corpa e vivência. Tento demonstrar através dos meus gestos o que sinto, pois quando estou com braços mais esticados de certa forma representa que quero alcançar novos espaços/tempos. Quando estou mais encolhida isso demonstra um adentrar em si mesma e reconhecer que tenho que mergulhar em mim mesma e curar as minhas feridas – É sobre autodefesa. Encaro a fotografia com uma performance do meu ser, é uma reivindicção de si, é onde vou de contra a tudo que inventaram sobre nós corpas trans/travestis. – E onde também tomo meu lugar de existência”.

**Rafaela Aires, 26 anos, cuidadora de idosos e estudante de música. 03 de agosto de 2021, Cetrete, Pacatuba-ce**

“Tive a honra de ser convidada para compor esse projeto junto a minha grande amiga Sol Alves, onde compartilhamos afetos, alegrias, curas, parcerias durante uma tarde bem descontraída e mágica na cachoeira do paraíso, localizada no Cetrete em Pacatuba-ce. Com certeza, guardarei para sempre estas memórias tão especiais”.

**Madallyne Albano, 43 anos, mãe e dona de casa. 09 de agosto de 2021, Pacatuba-ce**

“Ser fotografada não é algo novo para mim porque desde que a Kalliny começou a fotografar eu sempre me ofereci como modelo, gosto muito de fotos e tenho muitas fases da vida eternizadas nelas. A proposta do projeto no início me fez ficar relutante, porque sou muito acostumada a me ver maquiada e só gosto de tirar fotos assim, por ter olheiras e melasma espalhados pelo rosto, sempre me senti mais segura aparecendo maquiada. Esse ensaio me fez romper muitos bloqueios com a minha pele e meu corpo. Sou mãe de três meninas e já tive vários tipos de corpos durante esses processos, que apesar de terem me trazido poucas estrias, me deixaram com muitas varizes pelas pernas, motivo da minha maior insegurança. Nunca usava roupas mostrando varizes, por vergonha, o que foi mudando pouco a pouco porque minhas filhas conversam muito comigo sobre essas questões, inclusive minha mais nova acha bonito e diferente. Essas pequenas coisas foram me dando confiança até chegar ao ponto de posar a primeira vez mostrando minhas pernas e sem usar maquiagem. Foi muito importante para mim”.

**Raquel Santos, 23 anos, empreendedora e graduanda em ciências biológicas. 12 de novembro de 2021, Pacatuba-ce**

“Por ser algo novo para mim, já que nunca tinha sido fotografada, no começo fiquei bem apreensiva, tanto por isso como por me sentir insegura em ter ganhado peso, esse projeto me fez questionar sobre como a minha autoestima estava ligada e dependente ao meu peso, me fazendo perceber que esse parâmetro me impedia de me ver com outros olhos. Fui me soltando e me senti confortável, tanto por estar em ambiente natural e lindo, mas também pela segurança que me passaram. Foi interessante essa experiência, não foi um desafio fotografar sem estar maquiada, pois gosto do meu rosto mais limpo e em seu aspecto natural, o desafio foi pensar no resultado das imagens, por eu ter o pensamento que somente eu sei meu ângulo e que só eu sei fazer fotos legais de mim mesma. Participar do projeto, me fez mudar esse pensamento

enraizado em mim, ao receber as fotos, me senti muito linda e surpreendentemente linda aos olhos de outra pessoa”.

**Briza Medeiros, 21 anos, multiartista e estudante. 20 de novembro de 2021, Pacatuba-ce**

“Sempre tive uma grande afinidade pela arte, teatro, escrita e prezo pela poesia das coisas. Preciso sentir para representar, para conseguir ser eu mesma em fotos, que não é só posar, mas ser e expressar em segundos o que se sente e se passa no momento dentro de mim e ao redor. Encontrar pessoas que fotografem e não se apegue a noções do que é bonito e aceito é algo grandioso, não restringir corpos a poses que são voltadas para olhares alheios, ou para agradar é algo que eu precisava fazer, que eu precisava perceber que eu não tinha que parecer algo para ninguém que não fosse a mim mesma. Esse ensaio e o fato de ter participado do projeto junto a uma das minhas melhores amigas, encheu meu coração de sentimentos bons”.

**Yadine Lima, 21 anos, atendente e acadêmica em matemática. 20 de novembro de 2021, Pacatuba-ce**

“Tenho marcas de nascença e características que são únicas e minhas, que por muitas vezes, ouvi que deveria cobrir com maquiagem minha marca no rosto. Algo que nunca me incomodou e que eu acho que completa minha beleza, participar desse projeto veio na hora perfeita para reforçar o que eu já pensava. Que eu preciso ser e me aceitar como sou sem me importar com os outros pensam, mesmo sendo difícil. Fotografar sem muita maquiagem ou produção também não foi algo diferente para mim, mas sim muito interessante pela ideia da Briza em trazer a maquiagem como uma forma de arte e expressão em nós. Amei os resultados das fotos e compartilhar toda essa experiência com minha amiga Briza Medeiros”.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como evidenciado ao longo do ensaio fotográfico e da minha escrita, *O Corpo que Habito* é um projeto de natureza ao mesmo tempo artística e acadêmica, pois além do produto cultural (o ensaio propriamente dito) é também constituído por esse apanhado de reflexões, cujo intuito maior consiste em apresentar as ideias norteadoras e o processo de produção da pesquisa em si.

*O Corpo que Habito* não se restringiu à função de um trabalho de conclusão para avaliação, e posterior garantia de emissão de um diploma, mas foi uma experiência que, como já dito, marcou a minha trajetória como fotógrafa e pesquisadora, dando espaço para o aprendizado entre todas as partes envolvidas. No desejo de criar representações que fossem ao mesmo tempo politicamente potentes e poéticas, pude, em cada sessão fotográfica, ouvir, entender e refletir sobre algo novo. Tornando-se uma experiência de acolhimento e transformação, *O Corpo que Habito* não deve se encerrar aqui, mas continuar, como uma semente que ao brotar quer crescer e se desenvolver, enlaçando outras vidas no seu crescimento, numa expansão de possibilidades, criatividade e conhecimento.

## 5. REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. v. 6, cap. Sujeitos do sexo/gênero/desejo, p. 17-59.

MAGALHÃES, Fernanda. **Corpo re-construção ação ritual performance**. Travessa dos Editores, 2010.

KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca**. Editora Planeta do Brasil, 2017.

GHILARDI-LUCENA, Maria Inês; BARZOTTO, V. H. Representações de gênero social na mídia. **Web-revista Discursividade Estudos Linguísticos, Maringá (PR)**, v. 6, 2010.

COLLING, Ana Maria. A construção histórica do corpo feminino. **Cad Espac Fem**, v. 28, n. 2, p. 180-99, 2015.

BERGER, John, and Michael Dibb. *Ways of Seeing*. London: BBC Enterprises, 1972. Acessado em 07 de julho de 2021 através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=8tZMZP8dT-Y>

FERNANDES, Paula Roberta. *A imagem da Mulher: Uma análise da representação do corpo feminino nas fotografias publicitárias contemporâneas*. 2010.

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega de; MENESES, Joedna Reis de. Histórias do corpo e do feminino no Brasil do tempo presente. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, p. 1-12, 2011.

RIBEIRO, Niura Legramante. A Fotografia como Corpo Performatizado: a autoridade da imagem construída. **Anais do XXXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Artes, Campinas**, 2016.